

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
LICENCIATURA EM TEATRO

LARA MOHANA PINHEIRO DE SOUZA

CINCO CONSELHOS PARA MINHA VIDA COMO PROFESSORA DE TEATRO

PORTO ALEGRE

2021

LARA MOHANA PINHEIRO DE SOUZA

CINCO CONSELHOS PARA MINHA VIDA COMO PROFESSORA DE TEATRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos

PORTO ALEGRE

2021

LARA MOHANA PINHEIRO DE SOUZA

CINCO CONSELHOS PARA MINHA VIDA COMO PROFESSORA DE TEATRO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes e ao Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora - Prof^a. Dr^a. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Suzana, por respeitar minha escolha pelo teatro e me fazer acreditar, desde cedo, que eu poderia fazer o que eu quisesse.

Ao meu irmão Marcos e minha cunhada Ariely, pelo apoio durante todo o percurso que me trouxe até aqui, sem vocês eu não teria chegado no final.

À minha irmã, Camila, que foi a primeira artista com quem tive contato na vida.

À Priscila Corrêa, Mônica Bonatto, William Molina, Ana Fuchs e Henrique Saidel que tão generosamente compartilharam comigo suas memórias e experiências, para que este trabalho fosse possível.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos, por uma orientação livre, ao permitir que esse trabalho fosse meu.

À Desirée Pessoa, por todo o aprendizado, ao longo dos anos, e pelo acolhimento recebido junto ao Grupo NEELIC, que ressignificou minha visão de teatro e de vida. Aos meus companheiros de grupo Samuel e Luísa e também à Luana, Lauren e Marlon por todas as trocas, conversas, reflexões compartilhadas. Trabalhar com vocês me inspira.

As mulheres incríveis com quem tive contato durante minha formação como artista e professora de teatro, Fernanda, Priscila, Morgana, Bianca, Leticia, Lígia e Gabriela.

Ao Bruno que me deu a mão durante toda escrita deste trabalho.

À todos os professores que me inspiraram.

RESUMO

O que faz o professor de teatro continuar exercendo o seu ofício, dentro do ambiente escolar? Tendo essa pergunta como ponto de partida, o presente trabalho propõe, através de entrevistas com cinco professores de teatro e das teorias de Paulo Freire, Desirée Pessoa e Viola Spolin, identificar as motivações do professor pelo meio de suas memórias afetivas e da reconstrução de suas trajetórias, enquanto docentes e atores. O trabalho propõe reflexões sobre a docência em teatro, na escola, sobre a minha própria carreira como docente, em teatro, a partir de experiências, como professora, em espaços diversos e da minha formação como atriz.

Palavras-chave: Teatro. Docência. Pedagogia do Teatro. Educação.

ABSTRACT

What compels a drama teacher continue to teach their craft at a school? Having that question as a starting point, the present work proposes, through the analysis of five interviews with drama professors and using the theories by authors such as Paulo Freire, Desirée Pessoa and Viola Spolin, to identify the motivations of teachers through their personal memories and the reconstruction of their trajectories as instructors and as actors. The work proposes considerations on the experience of drama teaching at schools and an analysis of my own career as a teacher, taking into account my experiences teaching in different environments and my training as an actor.

Keywords: Theater. Teaching. Theater Pedagogy. Education.

SUMÁRIO

1 Introdução	8
2 Metodologia	14
3 Entrevista com Priscila Correa	16
4 Entrevista com Mônica Bonatto	22
5 Entrevista com William Molina	28
6 Entrevista com Ana Fuchs	33
7 Entrevista com Henrique Saidel	37
8 Conclusão	42
Referências Bibliográficas	44
ANEXOS	46
ANEXO 1 – Termo de Liberação de Imagem – Entrevista Priscila Correa.....	46
ANEXO 2 – Termo de Liberação de Imagem – Entrevista Mônica Bonatto	47
ANEXO 3 – Termo de Liberação de Imagem – Entrevista William Molina	48
ANEXO 4 – Termo de Liberação de Imagem – Entrevista Henrique Saidel.....	49

1 Introdução

O que faz o professor de teatro continuar no seu ofício na escola? A partir dessa pergunta, o trabalho propõe, através de entrevistas, identificar as motivações do professor de teatro por meio de suas memórias afetivas. O trabalho fará reflexões sobre a docência em teatro, na escola, como também de minha carreira, como docente em teatro.

Com a proximidade da conclusão do curso de Licenciatura em Teatro, na UFRGS, veio a pergunta que inicia este texto. Mas antes de tentar encontrar essa resposta, acho necessário contar um pouco sobre minha trajetória e experiência, como docente. Me chamo Lara Mohana, nasci em 29 de janeiro de 1993, na cidade de Tramandaí no litoral norte do Rio Grande do Sul.

Cursei o ensino fundamental, em uma escola pública municipal, e acredito que era uma boa escola. Dificilmente faltava algum professor e eles se esforçavam para dar boas aulas, pelo menos a maioria deles. Tenho boas lembranças do Ensino Fundamental, como a de um trabalho de Arte, em que pintamos um quadro da pintora Tarsila do Amaral, que permaneceu por muitos anos na parede da escola. Uma professora de matemática que nos ensinou a fórmula de baskhara com uma música e eu nunca mais esqueci.

Nessa época, o teatro não era disciplina obrigatória na escola, pelo menos não em minha escola, e minhas experiências na disciplina de arte, sempre foram relativas às artes visuais. Mesmo assim, por alguma razão, a escolha de fazer teatro foi feita por mim, muito cedo. Lembro de ter assistido a uma peça de teatro com a escola e foi um acontecimento, pois fomos até o auditório da prefeitura para assistir.

Minha irmã mais velha tinha participado de um grupo que existia na cidade, anos antes, cujo nome não me recordo. Então, o teatro e estar no palco contando histórias estava no meu imaginário, desde essa época. Nunca fui uma criança falante, mas era muito participativa. Eu me inseria em todas as atividades diferentes que surgiam na escola, tais como, o grupo de dança, coordenado pela professora de educação física e o grupo de dança açoriana, coordenado pela professora de literatura.

Essas atividades e muitas outras, fizeram com que eu tivesse experiências diferentes, e trouxeram uma sensação de pertencimento aquela escola. Além disso, as apresentações e todo o ritual que envolve apresentar (ensaios, criação, preparação, ir até o local, etc) sempre me fascinou e me motivou.

O grupo de teatro que minha irmã tinha participado, já não existia mais, mas em Tramandaí tinha uma escola de ballet, então, junto com várias colegas de escola comecei no ballet. Permaneci na escola de ballet dos 11 até os 17 anos, quando mudei de cidade. Foi uma experiência importante e que hoje percebo como meu trabalho corporal, trazendo uma organização corporal que me ajuda no trabalho de atriz, mas no início, foi um obstáculo, pois em algumas aulas era esperado que eu quebrasse essa rigidez trazida pelo ballet e encontrasse novas possibilidades corporais.

O Ensino Médio cursei em uma escola da rede estadual, com menos recursos comparada a anterior, mas a maioria dos professores tinha o mesmo empenho. A cada dois anos acontecia uma mostra de trabalhos das turmas, criados a partir de um projeto interdisciplinar, do qual cada professor ajudava com sua matéria. Eu entendia como um desafio para mim, que sempre tive facilidade em separar as disciplinas e fazer essa reflexão sobre os pontos de encontro de uma disciplina com a outra, sobre um mesmo tema, sendo muito rico para meu aprendizado. Essa foi uma das primeiras experiências que tive com a interdisciplinaridade.

Assim que conclui o Ensino Médio, final de 2009, fiz o vestibular para o curso de Bacharel em Teatro, na UFRGS. Como nunca tinha feito teatro fiquei muito nervosa e acabei sendo reprovada na prova específica¹. Mas naquele período foi um dos primeiros anos do SISU² o sistema informatizado do Ministério da Educação, no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Eu dizia desde o ensino fundamental que não seria professora. A docência não estava na minha vontade quando pensava em fazer teatro, mas

¹ Prova realizada antes do vestibular da UFRGS de caráter classificatório para o curso de teatro.

² Sistema de Seleção Unificada.

na UFPEL³, universidade que ofertava vagas pelo SISU, o curso de licenciatura era a única opção oferecida. Entre ficar um ano sem estudar ou talvez iniciar o curso de licenciatura, escolhi me inscrever e consegui a vaga.

O teatro sempre esteve na minha vontade, mas a docência não. Encontrei essa vontade junto ao projeto “Teatro na Escola”, coordenado pela professora Fabiane Tejada. Neste projeto os estudantes de teatro iam uma vez por semana a uma escola, ministrar oficinas de teatro. Foi então que me apaixonei de vez pela docência e decidi que iria seguir na licenciatura. Mas, ao mesmo tempo em que se revelou uma experiência muito boa, a docência no projeto me fez perceber que eu ainda precisava estudar muito para estar preparada e para ser professora.

Refletindo hoje sobre essa experiência, percebo o quanto foi fundamental o apoio da universidade para que a experiência fosse positiva. O projeto possibilitava um espaço de troca com os colegas contávamos com a orientação da professora. Além de ser um trabalho em dupla, eu contava com o apoio da colega Luana Franz para planejar e ministrar as oficinas.

Foi nessa época que tive o primeiro contato com o trabalho de Viola Spolin e seu livro “Improvisação para o teatro”. Nesse livro a autora trata sobre o jogo, e expõe um metodologia para as aulas de teatro, onde a sala de aula se torna um espaço de confiança, em que todos os alunos irão atuar e assistir, assim desenvolvendo-se como alunos-atores, a partir de jogos.

Esse livro traz, também, orientações valiosas para professores sobre como ministrar uma aula, como orientar os alunos para que eles criem, a partir de suas experiências e não de modelo feito pelo professor. Outro aspecto que esse livro traz é de como conduzir a avaliação baseada no que funcionou e não funcionou em uma cena, para não haver julgamento de valor do trabalho realizado.

Participei do projeto durante seis meses e após essa experiência acabei abandonando o curso por motivos pessoais e me mudando para Porto Alegre. Até que, no ano de 2013 prestei vestibular para UFRGS, onde fui aprovada e voltei a cursar Licenciatura em Teatro. Por diversos motivos acabei trancando o curso por algum período. Retorno em 2016, decidida a me formar o quanto

³ Universidade Federal de Pelotas

antes fosse possível. A partir desse ano, fui seguindo a seriação das disciplinas previstas na grade curricular do curso de Licenciatura em Teatro da UFRGS.

No ano de 2016, também, comecei a trabalhar na Oficina Lúdica da Criança. A empresa prestava serviço para creches em Porto Alegre e região metropolitana. Essa foi minha segunda experiência relacionada a educação. Eu contava histórias para as crianças e era um trabalho bastante dinâmico, pois eu tinha que atuar em várias escolas. Nessa época eu vivia correndo de um lado para o outro, o que se tornou bastante cansativo.

Eu gostava dessa convivência com as crianças, mas depois de um ano trabalhando, saí pois, além do cansaço, estava difícil conciliar os horários nas creches e nas aulas do Departamento de Arte Dramática (DAD⁴).

Esse trabalho agregou muito em minha experiência como docente, pois contar história para crianças exige muita criatividade para conseguir prender a atenção dos espectadores. Considero essas características muito importantes, para ministrar aulas, em qualquer faixa etária.

Em 2017, buscando outras experiências em teatro, resolvi começar dois cursos livres de teatro na Escola de Teatro do NEELIC (Núcleo de Experimentação e Expansão da Linguagem Cênica). Gostei muito da escola, me identifiquei com os valores da instituição e segui fazendo diversos cursos e participando das atividades. Participei de várias montagens como aluna e fiz outros cursos além dos que iniciei em 2017. Desde 2019 integro o elenco do grupo.

No ano seguinte, fiz um treinamento no início do ano para começar a ministrar aulas nos cursos da escola. Com a pandemia, essas aulas foram passadas para o online.⁵ A possibilidade de ministrar aulas de teatro online, em abril de 2020, me parecia absurda e impossível. Foram preciso várias conversas com a Desirée Pessoa⁶, diretora do grupo NEELIC e Coordenadora

⁴ Departamento de Arte Dramática.

⁵ É preciso abrir um parêntese aqui, pois entendo o quanto o ensino remoto pode ser, e é, excludente, o quanto os alunos em situação de vulnerabilidade social saem prejudicados com essa modalidade, por isso não quero aqui incentivar que essa seja a única modalidade de ensino, mas refletir sobre a necessidade da própria escola de continuar com as aulas para manter o espaço e professores que contam com essa renda para se manter, inclusive durante a pandemia, visto que a área do teatro e das artes tem recebido pouco apoio das entidades governamentais, nesse período mais ainda.

⁶ Desirée Pessoa é Doutora em Artes Cênicas pela Unirio (2018). Diretora, atriz, performer e pesquisadora do grupo NEELIC.

pedagógica da escola de Teatro do NEELIC, para que meu sentimento se acalmasse.

A metodologia criada por ela para as aulas serviu de guia para a criação dos planos de aula que eu aplicaria nas minhas próprias aulas. No início, tive alguns erros e muita insegurança, sentimento esse que foi se abrandando, conforme as aulas iam passando. Eu percebi, então, que os alunos estavam participando e aprendendo através das aulas.

No momento em que escrevo esse trabalho, completo um ano como docente na Escola de Teatro do NEELIC e as turmas estão se preparando para realizar seus espetáculos de conclusão de curso. Percebo como eu consolidei meu trabalho junto a escola. Venho observando o crescimento que meus alunos tiveram em relação ao início do curso. Vem sendo um caminho diferente do que imaginamos, mas uma experiência gratificante e que me ajuda a me construir como docente, a cada aula.

A experiência virtual parece ser diferente de estar ao vivo em sala de aula, mas busca-se, nesse espaço virtual, a presença e a escuta, durante as aulas. Essa experiência tem sido ímpar. E em alguns momentos, quando assisto uma cena que os alunos fizeram, ou estou aplicando algum exercício é possível esquecer, mesmo que apenas por alguns minutos, que estamos em um ambiente virtual. É como se estivéssemos no mesmo ambiente. E estamos. Penso que a confiança depositada em mim e apoio durante o processo foram fundamentais para que esse trabalho acontecesse da melhor maneira possível.

Voltando a 2018, motivada pela curiosidade que o espaço escolar sempre inspirou em mim, me inscrevi no PIBID⁷, no fim do ano. Em 2019, passei a integrar o PIBID. Quando ingressei no programa, a maioria dos outros colegas já estava a mais tempo e por acaso ou sorte, fui direcionada ao Instituto de Educação Flores da Cunha, onde a professora era formada em teatro, a Priscila.

E tendo passado toda a minha experiência escolar (Ensino Fundamental e Médio) em escolas onde aula de Arte significava aula de Artes Visuais,

⁷ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Programa que oferece bolsas de iniciação à docência para alunos de licenciaturas, buscando estreitar os laços entre os futuros professores e a rede pública de ensino.

encontrar uma professora formada em teatro e que ministrava aula de teatro na escola foi um divisor de águas na minha trajetória.

Dentro do programa, por questões de agenda e horários, me foi sugerido criar uma oficina de teatro, no contra turno, para os alunos da manhã. Então, todas as sextas-feiras eu encontrava com quatro alunos que iam à tarde na escola para aprender sobre teatro. Foi a primeira vez que ministrei aulas sozinha e de início, fiz encontros com caráter de oficina, para que eles fossem desenvolvendo noções de espaço, divisão entre palco e plateia, concentração, entre outras.

Depois, começamos a montar um espetáculo. O texto escolhido por eles foi Romeu e Julieta. Não chegamos a concluir a montagem, pois a greve de professores interrompeu o processo. Não pude continuar, no ano seguinte, pois tinha atingido o tempo máximo em que eu poderia ficar no programa. O PIBID propicia ao estudante de licenciatura o aprender fazendo, planejando, errando e acertando e se descobrindo ao longo do percurso. Percebe-se, também, que uma turma não é igual a outra e que o que funciona em uma turma pode não funcionar na outra, mesmo que de mesma faixa etária.

Pelas experiências relatadas brevemente nesse memorial, surge o questionamento sobre como é ser um professor de teatro, dentro da escola. A escola é um lugar que, muitas vezes, ouvimos dizer durante a graduação, que nem sempre encontra um espaço adequado para realizar as práticas, ou que não tem área formada na escola. Neste sentido, o professor precisa abrir esses caminhos. O que posso encontrar ao entrar na escola?

Mesmo tendo realizado entrevistas com professores, entendo que são recortes. Cada experiência é única e não acredito que a minha será igual a deles em sua totalidade. Mas penso que ter essa conversa pode abrir possibilidades de pensar a minha docência e formar alianças com outros colegas de profissão, para trocar sobre nossas práticas e experiências.

2 Metodologia

Neste capítulo vou explicar a metodologia adotada neste trabalho, para realização das entrevistas. Meu primeiro objeto de estudos foram professores de teatro, que tenham feito sua formação em licenciatura em teatro pela UFRGS e que, além disso, estejam em sala de aula, em escolas de ensino regular.

Me interessava pesquisar essa relação entre o curso de licenciatura em teatro da UFRGS e a docência em teatro na escola, visto que é mais comum vermos estudantes de teatro, tanto da licenciatura como do bacharelado, ministrando oficinas de teatro e cursos livres. Mas, essa relação do teatro com a escola, enquanto componente curricular, era desconhecida para mim, excetuando a minha trajetória no PIBID e o conhecimento da existência do Colégio de Aplicação. No entanto, ainda não tinha um conhecimento aprofundado sobre a escola e seu funcionamento.

Seguindo critérios mencionados anteriormente, comecei a pensar em quem poderia entrevistar. Mas antes disso, elaborei algumas perguntas, a partir de uma orientação da Professora Adriana. Ela me perguntou o que eu gostaria de saber sobre esses professores? Essa pergunta permaneceu reverberando em mim e depois de muito pensar sobre, elaborei as perguntas abaixo. Elas serviram de guia para as conversas que tive com os cinco professores, que estão relatadas nesse trabalho.

- Quem foi seu professor preferido na escola?
- Quando decidiu ser professor/a?
- Como foi sua primeira aula?
- O que aprendeu na faculdade e levou ou leva para a sala de aula?
- O que aprendeu na prática que não imaginava na época da faculdade?
- Como você se vê daqui a 5 anos?
- O que te faz continuar sendo professor?

Com a impossibilidade de realizarmos entrevistas de forma presencial devido a pandemia de COVID-19, que assola o Brasil desde 2020 e respeitando as medidas de prevenção da doença, que incluem isolamento

social e ficar em casa o máximo possível, optamos por realizar as entrevistas de modo virtual, através da plataforma Google Meet, por onde as conversas podem ser gravadas. Isso facilitou o trabalho no momento da escrita.

A partir das entrevistas realizadas com os professores e professoras convidados, irei destacar algumas falas que acredito serem importantes para minha formação como docente e que podem me ajudar em minha trajetória. Essas falas que destacarei no início de cada capítulo, chamarei de conselhos e, a partir deles junto as experiências que tive, este trabalho irá se estruturar.

Considero essas falas não como verdade absoluta, porque são frutos da experiência relatada pelos entrevistados e entrevistadas. Pretendo tratar como relatos e reflexões, o que for aqui apresentado. Creio que essas cinco narrativas podem ser distintas entre si e existem muitas outras trajetórias possíveis e que não poderão ser tratadas neste trabalho. No entanto, isso não exclui a possibilidade de pontos de encontro entre as narrativas apresentadas, a minha própria e a do leitor.

3 Entrevista com Priscila Correa⁸

É ter aquela pessoa que ensina, que viabiliza o aprendizado, eu ensino não, eu viabilizo para que o aluno aprenda.

Priscila Correa

⁸ O Termo de Liberação de Imagem de Priscila Correa se encontra no Anexo 1.

Como relatado anteriormente, realizei minha experiência junto ao PIBID, no Instituto de Educação, em uma das escolas que a Priscila leciona teatro. Até aquele momento, eu não imaginava que isso fosse possível, pois pensei que professores de outras áreas das artes eram obrigados a lecionar conteúdos de Artes Visuais, independente de sua formação, o que agora não faz sentido, mas naquele momento era o que eu pensava.

Em minha primeira orientação do trabalho de conclusão, quando comecei a pensar sobre entrevistar professores de teatro na escola, que tenham passado pelo Departamento de Arte Dramática, a Priscila foi a primeira pessoa que me veio à mente. Fiquei muito feliz e animada quando ela aceitou o convite. Foi a primeira pessoa com quem conversei para este trabalho.

Algumas coisas me marcaram na nossa conversa. Uma delas foi um relato de um professor de história que ela teve, quando ainda era aluna do ensino fundamental. Foi um professor que apoiou a decisão dela de fazer teatro. E esse professor, era formado em geografia, mas lecionou a disciplina de história por uma necessidade da escola, e a partir da experiência na turma dela, ele decidiu cursar história.

Me parece ter sido uma experiência que marcou ambos, estudantes e professor. Inclusive eles se reencontraram na escola, Priscila e o professor, dessa vez como colegas de profissão, quando ele foi conversar com uma das turmas do Instituto de Educação, justamente para relatar essa experiência.

Então, me parece que essa turma ou pelo menos a Priscila e esse professor, foram marcados por essa experiência. Fico refletindo sobre o quanto o professor pode aprender quando a sala de aula se torna um espaço de troca e o quanto essa troca, pode beneficiar tanto professor quanto aluno.

A interdisciplinaridade também foi um aspecto muito presente em nossa conversa. Me lembro de ter presenciado isso, desde o período que estive na escola, através do PIBID. Os alunos do 6º ano estavam fazendo um trabalho de teatro em conjunto com a professora de literatura. Partindo do livro O diário de Anne Frank, eles criaram um texto, em primeira pessoa, para uma das personagens do livro e posteriormente iam realizar uma apresentação de si, como personagem, para a turma.

Além da interdisciplinaridade, a escola também pode ser um lugar de novas descobertas para o aluno. Quando ainda era aluna do ensino fundamental, Priscila relembra que a escola era um local onde era possível ter experiências diversas. Ela participava do coral da escola e posteriormente da coreografia do coral, entre outras.

Priscila comentou sobre o assunto: “É importante e tem que ser um papel da escola, proporcionar essas atividades para os alunos, porque, muitas vezes, principalmente nas escolas públicas, os alunos não tem condições de buscar fora da escola essas oportunidades.” Então, é possível que a escola seja esse espaço de descoberta de si, tanto no desenvolvimento emocional quanto na descoberta de habilidades que, se não pela escola, não seria descobertas pelo aluno.

Na graduação em teatro na UFRGS, Priscila participou do grupo de licenciandos bolsistas do PIBID, que atuaram no próprio Instituto de Educação, em 2010. Sobre a criação do subprojeto Teatro:

O Subprojeto Teatro PIBID da UFRGS foi criado pela professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, enviado à CAPES e aprovado no início do ano de 2010. [...] No mês de maio, dez bolsistas remunerados e dois colaboradores selecionados iniciaram suas atividades no IE. As ações de iniciação à docência desenvolvidas por eles, sob a coordenação da professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos e supervisão do professor Geraldo Bueno Fischer. (CORREA, 2011)

A citação acima, se trata de um trecho do Trabalho de Conclusão de Curso realizado pela Priscila para a conclusão do curso de Teatro-Licenciatura e foi escrito a partir da experiência que teve, ao participar do PIBID. Na entrevista concedida a mim para este trabalho, questionei quais aspectos da sua experiência na graduação foram mais importantes para sua formação. A experiência no PIBID e nos estágios são as primeiras que lhe vem à mente.

Considerou como fundamentais as experiências que teve na escola antes de iniciar sua carreira como docente. Priscila destacou o PIBID e comentou a experiência: “PIBID me ajudou muito a me fortalecer, me preparar para esses primeiros anos que são tão difíceis.” Aqui ela se refere as dificuldades do professor em início de carreira, que entra na escola com pouco ou nenhuma

experiência. Além dessas experiências, destacou a cadeira de Metodologia de ensino de Teatro ministrada pela professora Vera Bertoni⁹.

Quando questionei sobre o futuro, comentou brevemente sobre o momento que estamos vivendo, em relação a pandemia, e ao ensino remoto, que tem sido muito difícil para professores, estudantes e comunidade escolar. Como ponto positivo coloca: “Eu acho e eu espero de certa forma que isso fiquei (o uso das tecnologias) que a gente consiga usar essas tecnologias pra agregar no nosso trabalho. Não 100% como a gente está agora, mas que nos auxilie de alguma forma” (CORREA *apud* SOUZA, 2021a). E comentou sobre como vinha utilizando as tecnologias e até mesmo o celular, como material de apoio em suas aulas, enviando materiais aos alunos por exemplo.

Acredito que essa era e ainda é um dos grandes desafios do professores na escola. Isso se agravou com a pandemia, pois fomos forçados a estar no online a todo momento para realizar nossas tarefas do dia a dia (seja trabalho, faculdade ou escola). O que acaba fazendo com que o professor trabalhe muito mais, em um regime de disponibilidade quase total. Em um país como nosso, com uma diversidade tão grande de pessoas, em situações diferentes, muitas vezes em situações de vulnerabilidade social e ou econômica, é difícil prever as consequências que esse período irá trazer para a educação.

E quando for seguro para as aulas presenciais voltarem, o que parece nesse momento um futuro distante, visto que a vacinação avança a passos lentos no Brasil, sairemos de um contexto em que estamos todos em casa (aqueles que tiveram condições para isso), acostumados a passar o dia de frente para uma tela. Como poderemos fazer para que nossas aulas tenham a tecnologia como um aliado e não como um empecilho?

Quero destacar nesse momento, um conselho dado pela Priscila durante a sua fala, que acredito ser agregador para minha prática como professora. O texto está transcrito no início do capítulo e trago a frase completa agora.

Saber da importância do meu papel, não digo do meu papel Priscila, mas do meu papel como professora. A importância do professor na formação de todo mundo, não só neste momento agora, mas enfim, em toda a história da humanidade. É ter

⁹ Vera Lúcia Bertoni dos Santos é Doutora em educação pela UFRGS e professora adjunta na mesma universidade.

aquela pessoa que ensina, que viabiliza o aprendizado, eu ensino não, eu viabilizo para que o aluno aprenda. (CORREA *apud* SOUZA, 2021a)

Penso que o professor de teatro tem esse papel de mediar a aprendizagem, de auxiliar o estudante a realizar suas criações, abrir espaço para que o estudante traga as suas dúvidas, seus anseios, e, ao mesmo tempo, dar ferramentas para que o estudante possa dar vazão a sua produção. Para completar o conselho trago um trecho do livro *Pedagogia da Autonomia*, escrito por Paulo Freire:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo, de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 2018, p. 24)

Além disso, trago a ideia de noções teatrais, proposta por Gilberto Icle no artigo “Problemas teatrais na educação escolarizada: existem conteúdos em teatro?”. Para me auxiliar nesta reflexão, nesse artigo é trazida a ideia de noções teatrais ao invés de conteúdos. A palavra noção abrangeria uma ideia de uma teoria ligada a prática e que, as noções, são descobertas no trabalho com os alunos:

Trata-se de imaginar que as noções não estão por aí, no mundo, esperando que nós as descubramos; elas precisam ser praticadas, tornadas corpo, experienciadas. Índícios das noções podem ser encontrados nos escritos, mas diferentemente dos conceitos científicos, as noções não tem existência senão na efemeridade da prática. (ICLE, 2018, p. 5)

A partir disso, penso que essa construção na prática, das noções teatrais, se dá, também, a partir das experiências dos estudantes. E penso que quando o professor de teatro conduz um exercício e fica de fora, apenas dando orientações, caso seja necessário, passa a ser uma forma de viabilizar o conhecimento, a partir da experiência.

Estou em constante formação quanto a docente que quero me tornar. Acredito ser importantíssima essa noção proposta no conselho acima, pois traz

o aluno, como agente na construção do próprio conhecimento. Mas isso, também, não isenta o professor de seu papel.

A conversa com a Priscila me dá esperança em uma docência possível no teatro, dentro da escola pública, como no caso da escola estadual. Ela relata que um fator importante é o professor se sentir bem e ser respeitado dentro da escola e por isso, não troca o IE por qualquer lugar.

4 Entrevista com Mônica Bonatto¹⁰

A gente descobre que professor a gente é, qual é a nossa forma de comunicação, qual é a nossa linha. Como me relaciono com esses estudantes. Que professor eu sou?

Mônica Bonatto

¹⁰ O Termo de Liberação de Imagem de Mônica Bonatto se encontra no Anexo 2.

Eu estava particularmente nervosa para conversar com a Mônica, pois já conhecia um pouco do seu trabalho de pesquisa. Marcamos a entrevista na primeira quinta-feira de abril. Acordei cedo e fui arrumando as coisas, como o computador e as perguntas, para que tudo saísse da melhor forma possível. E assim foi. Conversamos por mais de uma hora e ela foi muito receptiva as minhas questões. Mônica compartilhou comigo seu início nas artes, que foi através da dança, na sua cidade natal, Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Diferente dos demais professores com quem conversei, a Mônica teve sua opção por ser professora antes da opção pelo teatro, mesmo tendo algumas experiências na escola, que não eram coordenadas por um professor formado na área, mas sim por uma freira da escola. A figura de uma professora de dança foi a mais marcante nessa época. Nessa escola de dança começou a ministrar aulas. Ficou sabendo por um amigo da família, da existência do curso de Licenciatura em Teatro na UFRGS. Na época, o curso de dança, ainda não existia, então, se inscreveu e passou no vestibular.

Ela relatou seu envolvimento nas lutas pelos locais onde passou. Na faculdade, os alunos da licenciatura, reivindicaram mais cadeiras de atuação, para que os licenciandos tivessem essa experiência do fazer teatral, dentro da universidade. E essa característica de envolvimento, para além da sala de aula, a acompanha em toda a sua trajetória profissional. Desde a luta por salários mais justos, na sua passagem pelo estado ou na implementação de cotas raciais no sorteio de alunos do CAP. Esse projeto tem sua atenção agora e é onde ministra aulas de teatro.

Uma das coisas que mais me chamou atenção em nossa conversa, foi a importância da troca entre os professores de teatro, de como é importante essa relação entre os estagiários e os professores, por exemplo, até mesmo entre professores formados, que atuam em diferentes escolas. Mônica trouxe seu desejo de, futuramente, conseguir que o Colégio de Aplicação seja um polo agregador de experiências, para todos os professores de teatro, até para professores de fora da escola.

E comenta: “Acho que o professor se forma muito, quando na escola. A gente tem uma formação que te prepara, mas só quando tu começa. E aí os

caminhos são muito diferentes, dependendo de pra onde tu vai, que tipo de escola, faixa etária, etc” (BONATTO *apud* SOUZA, 2021b). Nesse sentido, torna essa ideia, de um polo agregador de professores de teatro, ainda mais instigante, pois cada professor tem a sua trajetória, suas experiências e, essa troca entre docentes da mesma área, pode auxiliar, tanto os que estão iniciando quanto renovar quem já está ministrando aulas, a mais tempo.

Ainda sobre a criação de uma rede de professores de teatro: “A gente precisa fazer uma rede que seja de formação e de troca, o suporte para essa sensação de solidão não ser tão aguda e a formação por que a gente precisa saber o que os outros estão fazendo, se inspirar no que os colegas estão fazendo” (*Ibidem*) Essa sensação de solidão, que ela trouxe nessa fala, se refere ao fato de que o professor de teatro, muitas vezes, é o único de sua área, na escola. E mesmo antes da pandemia no CAP, era difícil conseguir reunir todos os professores de teatro, para ter esse momento de troca e formação.

Ela partilhou sobre seu trabalho de TCC, que foi realizado na creche da UFRGS, com orientação da professora Vera Bertoni. Ela fazia um trabalho com crianças bem pequenas. Comentou sobre sua passagem pela Escola Projeto e como foi criar esse currículo de teatro, sendo a única professora da área na escola, mas que ao mesmo tempo, ela tinha uma liberdade dentro dessa escola. Teve, nesta época, oportunidade de discutir estratégias pedagógicas. Relata que foi uma experiência que agregou muito em sua formação.

Sobre o trabalho com séries iniciais, no aplicação, a professora Mônica relata, em sua entrevista, que foi descobrindo, que ao mesmo tempo, não queria ser autoritária, mas não poderia se privar do seu lugar de professora, cujo papel é diferente do estudante. Ela se questionou, portanto, como estabelecer dentro dessa diferença, um estado de diálogo que oferecesse liberdade e estrutura para o sujeito poder criar, dentro de uma certa segurança. (*Ibidem*)

Essa fala me trouxe muita reflexão, pois como o professor pode encontrar esse medida? Estamos em constante movimento, ainda mais na escola, onde antes da pandemia os professores estavam sempre correndo (não que a

pandemia tenha diminuído a carga de trabalho pelo contrário), para ministrar aulas, atender estudantes e fazer diversas tarefas. Qual é o espaço do professor para pensar a sua própria prática?

Mônica comentou um pouco sobre a rotina escolar, mas no sentido da falta de tempo para trocar com os colegas, tanto do CAP quanto de outras escolas, que no dia a dia da escola, esse tempo para pensar a prática docente, é encurtado.

Ainda sobre o trabalho com as crianças das séries iniciais, Mônica traz o questionamento sobre o papel da professora de teatro, na turma. Diz na entrevista, que reflete sobre o olhar do adulto como um olhar que incentiva e não atrapalha, que incentiva a ir além. Diz, também, que os estudantes provocam os professores ao deslocamento do que são esses padrões, normas e noções, do que pode e o que não pode fazer. A professora relata ainda que, quando se ensina as crianças a fazerem alguma coisa, elas vão fazer, vão repetir. Nisso, ela diz que professores de teatro tem um outro ponto de vista sobre o fazer artístico, na escola, que sai desse lugar do produto e aí sim, o processo tem um valor imenso (BONATTO *apud* SOUZA, 2021b).

Criar esses processos junto aos estudantes, pode ser muito valioso. Existe, portanto, a necessidade de certo diálogo com a própria escola, que, muitas vezes, espera das aulas de teatro apenas um produto, a ser apresentado no evento da escola, o que não é o caso do CAP. Então, essa construção da importância do processo teatral para a aprendizagem do aluno de teatro, deve se dar, não apenas no âmbito da sala da aula, como também, da comunidade escolar, para que, ao mostrar o processo, isso não cause um estranhamento tão grande.

Voltando a entrevista, conversamos também sobre a formação do professor. Observamos como esse processo não está completo quando, o mesmo, termina sua formação, na universidade. Em seu depoimento, a professora coloca: “A gente descobre que professor a gente é, qual é a nossa forma de comunicação, qual é a nossa linha. Como me relaciono com esses estudantes. (...) E a gente começa a construir esse ser docente na escola. E isso pra mim foi uma descoberta” (*Ibidem*).

Esse foi o conselho que escolhi destacar na conversa com a Mônica. Acredito que seja fundamental, para o professor, manter uma reflexão constante sobre a sua prática. O teatro pede e demanda uma presença, um estar atento e um se reinventar, que só é possível, a partir de uma prática atenta, não só nas questões pedagógicas, como também, nas questões éticas, no que concerne o relacionamento com os estudantes, colegas e demais profissionais, envolvidos na escola.

Sobre a relação com os estudantes, Mônica reflete na entrevista, por vezes, o quanto o professor estaria reprimindo e que seria inevitável que, em algum momento, o professor tenha um ação repressiva, por menor que seja, reprimindo o movimento quando diz: “Não fulano, não fala agora, fala depois” ou “Não te mexe assim, te mexe assado porque agora a brincadeira é assado”. Esses são pequenos gestos, que na percepção de Mônica, eventualmente, podem ser, sim, de alguma forma repressores. Ela reflete que tem um exagero da sua parte, mas que acredita que o professor deva estar alerta. (BONATTO *apud* SOUZA, 2021b)

Creio que seja necessário pensar sobre sua prática, a partir desse questionamento. Acredito que fazer essa reflexão, pode justamente evitar que nossas práticas caiam nesse lugar de repressão, em minha visão, isso não contribui para o fazer teatral ou para a construção da autonomia, do estudante.

A partir do conselho destacado, neste capítulo, como da reflexão acima, gostaria de refletir brevemente sobre a palavra ética, para Pessoa:

[...] o estudo ao qual me dedico investiga a existência de éticas diversas que não se pautem pelas noções de consciência e sujeito, mas sim pelo *corpo* e suas reverberações no campo das artes cênicas. Destaco aqui a palavra *corpo*, sinalizando desde já se tratar de um conceito específico que desenvolvo neste livro a partir do legado de Gilles Deleuze, cujo significado mais aproximado é a ideia de relação, de rede que interliga os diversos elementos da existência humana, em detrimento à visão de corpo como invólucro de um sujeito. (PESSOA, 2020, p. 24-25)

O livro do qual a citação foi retirada reflete sobre a ética, nas artes cênicas e no trabalho de grupo. Mas, podemos transpor essa reflexão para a escola e pensar que, a escola forma esse corpo, constrói a reflexão sobre a

formação do professor e de qual tipo de professor serei, além de como isso se forma na escola. Esse é um importante debate sobre a ética do trabalho, do professor.

Podemos perceber que, como professores, por vezes, as orientações que damos, em sala de aula, pode reverberar de forma negativa nos alunos. Assim, percebemos que formamos esse corpo relacional, tratado na citação. Cabe ao professor ir modulando essa relação e, se questionar sobre isso faz parte, ao meu ver, da ética do trabalho.

Quase no fim da nossa conversa, comentamos sobre a pandemia. Falamos como isso vem afetando estudantes, professores e de modo mais abrangente toda a comunidade. Mônica acredita que a pandemia trouxe ainda mais luz sobre a grande desigualdade de condições sociais e recursos que existe no Brasil, especificamente sobre os estudantes do CAP, que por ser um colégio que preenche suas vagas através de sorteio, recebe estudantes de Porto Alegre e região metropolitana, com as mais variadas condições.

Nesse sentido é muito complicado pensarmos em consequências desse momento. Mas, ela espera que esse senso de coletividade, que surgiu (em algumas pessoas) durante a pandemia, se mantenha. E esse olhar mais atento para os estudantes, onde eles moram? Quais condições? Esse “entendimento de coletividade para além da escola.” (BONATTO *apud* SOUZA, 2021b) Como ela mesma coloca, se mantenha, para que propostas possam ser criadas, para dar suporte aos estudantes que precisam.

A partir disso ela reflete que: “Óbvio que o professor de arte faz diferença na escola, mas sozinho ele faz muito pouco” (BONATTO *apud* SOUZA, 2021b) Mônica traz, novamente, essa ideia de que podemos realizar mudanças a partir do coletivo.

Quando questionei o que a faz continuar sendo professora, um dos motivos citados foi “Eu sou professora por acreditar que ainda existe espaço de transformação.” (*Ibidem*) Eu acho que isso se reflete em toda a sua prática, em sala de aula, como nas outras instancias em que comentei anteriormente, tais como seu envolvimento com a criação de cotas para o sorteio do CAP e outras lutas que marcam sua trajetória como docente.

5 Entrevista com William Molina¹¹

O teatro não pode, e acho que não deve, porque o teatro ele é pro mundo, é para os outros, ele precisa sair da sala de aula, mas ele não precisa sair da sala de aula em forma de apresentação, estruturada, enfim, ele precisa se relacionar com a escola e com a comunidade...

William Molina

¹¹ O Termo de Liberação de Imagem de William Molina se encontra no Anexo 3.

No mesmo semestre em que escrevo este trabalho (2020/2 que ocorre de janeiro a maio de 2021), estou cursando as disciplinas de estágio I e II, que estão sendo ministradas em conjunto pela professora Taís Ferreira¹² e pelo professor Gilberto Icle¹³. Estarmos tendo aula online, por conta da pandemia de COVID 19, que atingiu o mundo e chegou ao Brasil em 2020, Taís e Gilberto convidaram diversos professores de teatro para falarem sobre seus trabalhos, em nosso espaço de aula.

Tem sido um espaço de trocas muito rico e em um desses encontros, o William veio falar conosco sobre sua tese de doutorado, que reflete sobre o Colégio de Aplicação. Conheci o trabalho dele, nesse dia, e decidi convidá-lo para participar deste trabalho. Ele generosamente aceitou conversar comigo.

As perguntas elaboradas por mim, para as entrevistas, levaram a conversa para a formação do William como professor e como ator. Quando morava na cidade de Camaquã, começou a ter aulas de teatro, no contra turno, e, a partir dessas aulas, os estudantes formaram um grupo de teatro.

A professora responsável por essas aulas e posteriormente pelo grupo, era uma professora formada em Educação Artística, com habilitação múltipla. William defende que o teatro, dentro da escola, pode transformar a escola e que, a partir, dessa transformação, começou a se sentir pertencente a escola. E acrescenta que a escola pode ser o lugar onde os estudantes e as estudantes descubrem suas potencialidades:

A escola tem que ser esse lugar onde os estudantes e as estudantes encontram lugar para dar vazão ao que eles e elas gostam de fazer e se sentem reconhecidos. Tem o olhar do outro, o outro pode ser o professor, os colegas ou a escola toda. É o lugar onde a gente é visto. E para mim esse lugar foi o teatro, mas pode ser no clube de xadrez, ou qualquer outro. (MOLINA *apud* SOUZA, 2021c)

A partir dessa ideia, William reflete sobre a importância de o aluno ser visto e reconhecido por suas capacidades. Depois da experiência dele como aluno, conversamos sobre suas experiências como professor. Relembrou da

¹² Professora adjunta de Teatro na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisadora e atriz.

¹³ É professor associado no Departamento de Ensino e Currículo e professor permanente no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

sua experiência no estágio, que aconteceu no Colégio de Aplicação da UFRGS, onde é professor, atualmente. Destaca que foi muito importante o acolhimento por parte da supervisora de estágio, na ocasião Mônica Bonatto, e que isso lhe deu segurança para atuar no estágio.

Comentou que fez um trabalho, a partir da ideia de rádio novela, com os estudantes, e que levou material para gravar os estudante. Esta é outra característica de seu trabalho como professor, o uso das tecnologias. Ressalta que isso, talvez, seja devido a sua experiência em um curso anterior, Publicidade e Propaganda, que não chegou a concluir. Ainda na época da faculdade, ressalta a experiência nas disciplinas ministrada pela professora Vera Bertoni como fundamentais em sua formação como professor.

Posteriormente, já formado criou, junto com os alunos, o curta ambiental “Ovo frito”, na escola que trabalhava em Sapucaia do Sul, cidade do Rio Grande do Sul. Esse projeto recebeu o Prêmio de Melhor Curta Categoria Meio Ambiente no CinEst Santa Maria 2013 e 1º lugar no 12º Festival de Vídeo Estudantil de Guaíba/RS 2013. Isso reforça a característica interdisciplinar dos seu trabalho.

Abaixo o conselho que escolhi destacar de nossa conversa. Fiz essa escolha, pois acredito que esse diálogo seja fundamental. O professor de teatro deve criar essa relação entre alunos, pais e comunidade como uma forma de fortalecer o seu trabalho e fazer com que a comunidade entenda, um pouco mais, a importância da experiência artística na escola, para além do teatrinho, nas datas comemorativas.

Acabou acontecendo uma parceria, com os estudantes, com os professores e com a comunidade. O que eu acho um ponto fundamental para que o teatro seja reconhecido, valorizado nesse lugar. O teatro não pode, e acho que não deve, porque o teatro ele é pro mundo, é para os outros, ele precisa sair da sala de aula, mas ele não precisa sair da sala de aula em forma de apresentação, estruturada, enfim, ele precisa se relacionar com a escola e com a comunidade [...]. (MOLINA *apud* SOUZA, 2021c)

Na escola em que trabalhava, nessa época, não havia uma sala própria para fazer teatro. Ele e os estudantes precisavam arrastar classes e cadeiras para poder fazer a aula, realidade de muitos professores de teatro. Então, ele

buscou uma parceria com a igreja que se localizava na frente da escola e já era parceira da escola em outros eventos. Tinha, neste local, um espaço maior onde as aulas de teatro poderiam acontecer. Percebo que essa relação de pertencimento e diálogo constante com a comunidade foi uma experiência bastante marcante na formação dele e é uma marca do seu trabalho.

Ainda sobre a ideia de corpo, trazida no capítulo anterior, percebo que, nesse conselho trazido por William, a escola pode ser esse corpo, tratado no livro *Éticas no teatro II*, como corpo aberto. “É importante ressaltar que o corpo aberto, que não desejo tratar como invólucro, não é também individual, pois seu caráter relacional e nunca fixado é fundamental.” (PESSOA, 2020, p. 30). As relações que se estabelecem, nesse diálogo com a comunidade, ampliam esse corpo relacional da escola.

William, busca em sua prática que:

[...] a aula de teatro seja uma experiência e não só, vamos fazer isso, fazer isso, fazer isso, não, se em algum momento aquela proposta vai para um outro lugar eu não preciso me desesperar para trazer de volta para aquilo que eu queria. Eu posso entender que outro lugar é esse. E... Pra esse lugar que está indo é interessante, vamos conversar mais sobre isso, vamos mudar aqui. (MOLINA *apud* SOUZA, 2021c)

Para que isso ocorra, destaca que é preciso que haja uma escuta, de sua parte, para o que vem dos alunos. Além disso, deve haver um desprendimento, em certo sentido, do que foi planejado, para que os estudantes tenham essa liberdade de propor, a partir do que foi trazido para a aula. Ou seja, ele busca a “Valorização do que aquele grupo tem pra me contar e não do que eu vou contar pra eles.”

O professor William destaca os afetos na entrevista. Ele relata que não é todo mundo que o professor de teatro afeta e acredita muito que a docência não é apenas essa docência do conteúdo, daquilo que vai ser ensinado, naqueles 45 minutos. Ele acredita que o seu ser, o seu estar na escola, o jeito que se relaciona com os colegas, o jeito que se relaciona com os alunos e com as alunas já está nesse lugar de inspirar pessoas a se relacionarem com respeito. Em sua entrevista, ele se questiona se quem sabe isso possa ensinar pessoas a valorizar a opinião dos outros (MOLINA *apud* SOUZA, 2021c).

Pensar a escola através das relações que ali se formam e tendo em vista que os alunos estão em fase de formação, não só no que diz respeito a conteúdos e noções, mas também, sua formação como cidadão. Acredito que a família tenha o papel principal, nesse aspecto da formação. Mas, os estudantes se formam, a partir de todos os exemplos que veem e um professor que tenha isso em mente, consegue ir além da sua área ao refletir sobre uma formação mais ampla, para o aluno.

Penso afeto, neste trabalho, a partir do texto de Pessoa (2020, p30): “é determinado também pelo poder do afeto, trazido a nós por Espinosa e problematizado posteriormente por Deleuze, que implica a capacidade, o ‘poder de afetar e ser afetado’” (DELEUZE, 2002b, p. 128). A ideia de afeto auxilia a autora a compor seu entendimento do termo corpo aberto.

Quando questionado sobre situações que não imaginava encontrar na escola, William mencionou algumas, como mediação de conflitos, assuntos que podem ser mais sensíveis a alguma família, sexualidade, por exemplo. Refletiu sobre as formas de abordagem de temas delicados e destacou a boa relação com a equipe diretiva da escola, quem dá apoio ao professor, perante a família. Além disso, destaca a demanda burocrática escolar, que não imaginava quando era licenciando, como cadernos de chamada, atribuir notas, etc.

Por fim, reflete que continua sendo professor, pois a escola é um lugar muito aberto as trocas. Esse aspecto considera fundamental ao trabalho. E aponta “Tem que ter jogo. Tem que ter vivência. Tem que ter escuta.” (MOLINA *apud* SOUZA, 2021c).

6 Entrevista com Ana Fuchs¹⁴

Faço com que eles se sintam vistos constantemente e se sintam valorizados [...] Uma educação requer vínculos, principalmente de teatro, quando tu vai se colocar por via do corpo e não do texto.

Ana Fuchs

¹⁴ A autorização de imagem de Ana Fuchs foi concedida através de áudio durante a entrevista.

Da mesma forma que o William, a Ana também, fez uma fala, na disciplina de estágio da licenciatura em Teatro da UFRGS. Falou sobre seu trabalho com os alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) no Colégio de Aplicação. Foi uma fala muito inspiradora e foi possível perceber que ela realmente gosta de seu trabalho com a EJA, por isso decidi entrevista-la. Alguns dias depois, pedi o contato dela para a professora Taís e o professor Gilberto. Fiz o convite e ela aceitou participar da entrevista.

Conversamos sobre sua trajetória no teatro, como professora e sobre como as duas andam de mãos dadas, em sua formação. Sua primeira experiência com teatro foi através de um projeto do professor de Língua portuguesa no 6º ano, que se chamava “Hora da arte”. Ela morava em Santa Cruz, na época, e essa experiência fez com que ela se apaixonasse pelo teatro, o que a levou a construir uma trajetória no teatro amador, antes de chegar a universidade.

Ela comenta que a escolha de ser professora veio quando já estava cursando licenciatura, em teatro na UFRGS. Muito dessa escolha veio através das aulas da professora Vera Bertoni e do professor Sergio Lulking¹⁵, cuja orientação ela recorda e leva para sua prática: “Organiza as crianças no espaço”. Sobre os professores do DAD e sua escolha por ser professora comenta: “Muito pela paixão dos professores pelos que eles faziam, acho que isso reverberava nas aulas deles e me contaminava também” (FUCHS *apud* SOUZA, 2021d).

Destacou as disciplinas práticas corporais como experiências que contribuíram para sua formação e completa: “Naquelas em que eu tive um olhar do professor, me fisgaram” (*Ibidem*). Este pensamento se reflete em sua prática docente. Conversamos sobre a importância do aluno se sentir visto, pois isso faz com que aluno e professor criem uma relação de confiança.

Sua primeira experiência como professora foi no CDE¹⁶. Onde começou contando histórias e depois foi construindo espaço para dar uma aula de teatro se aproximando mais da criação de cena e exercícios, que propiciavam a criação dos alunos e alunas. A Ana teve experiência com todas as idades,

¹⁵ Professor aposentado do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da universidade Federal do Rio Grande do Sul (1993-2018) com atuação na área de Educação e Teatro.

¹⁶ Centro de Desenvolvimento da Expressão.

começou pelo CDE, depois ministrou aulas para ensino fundamental, médio e hoje trabalha com a EJA, como mencionado anteriormente.

Sobre seu trabalho com crianças comenta:

Foi a primeira vez que eu saquei que uma coisa era meu trabalho de artista e outra coisa era meu trabalho de sala de aula. Eu como artista tinha disponibilidade corporal para experimentar coisas que as crianças não tinham. Hoje, sim eu consigo mesclar meu trabalho de prof com o trabalho de artista, mas naquela época não. Eu tive que dar um passo atrás, voltar pros jogos mais simples, voltar para as coisas que eram mais do terreno das crianças. (FUCHS *apud* SOUZA, 2021d)

Esse entendimento e essa fala da Ana, são muito valiosos para minha formação e meu entendimento do lugar da minha prática artística, dentro da sala de aula. Pois muitas vezes, temos um trabalho de atores e atrizes que é muito marcante ou que julgamos como uma experiência muito importante. Queremos passar isso para os estudantes, mas é bom guardar as proporções, pois somos profissionais de teatro e fazemos aulas e práticas, por vezes, muito intensas para serem passadas a alunos, que muitas vezes estão na aula porque são obrigados, no caso do ensino regular.

Ou ainda, quando ministramos aulas em cursos livres é preciso levar em conta se o aluno está preparado para aquele exercício, se sua experiência prévia o preparou para isso e, caso negativo, como podemos preparar esse aluno para atingir o objetivo.

É papel do professor ouvir as demandas dos alunos, no que diz respeito a aprendizagem. Mas também, é papel do professor propiciar ao aluno conhecer técnicas e ter experiências que não seriam possíveis, fora da sala de aula. Sobre essa escuta, Ana comenta: “Tu tem que escutar o aluno, obvio que tem que ouvir o aluno, mas tem que levar proposições pois o aluno não tem muito repertorio daquilo que tu espera que ele construa, ele tem repertório de outras coisas. Então como tu propõe, ouve, propõe” (FUCHS *apud* SOUZA, 2021d).

De certo modo estar em sala de aula é fazer essa mediação entre ouvir e propor, pois assim, a experiência será mais rica, para estudantes e professor. O conselho que escolhi por destacar nesse capítulo foi:

Faço com que eles se sintam vistos constantemente e se sintam valorizados, mesmo que a minha expectativa seja maior que aquilo que eles trazem de fato eu procuro valorizar muito e criar uma relação íntima com eles... Uma educação requer vínculos, principalmente de teatro, quando tu vai se colocar por via do corpo e não do texto. (FUCHS *apud* SOUZA, 2021d)

Considero um conselho importantíssimo e consigo observar, em minha trajetória, momentos em que, esse olhar do professor, fez toda a diferença. Por vezes, ser aluno é como estar em um barco à deriva, sem saber para que lado remar e o olhar do professor nos ajuda a tomar uma direção e ter mais confiança, em nossos processos. E quando esse olhar não chega ao estudante, ele pode simplesmente abandonar o barco.

O fazer teatral, o estar em cena é um lugar de exposição. Então, criar essa relação afetiva com os alunos pode trazer confiança e deixar a experiência mais leve. Um olhar atento para a origem do estudante, quais possibilidades corporais ele tem, sempre modulando as expectativas que o professor cria sobre os alunos, pode ser mais produtivo para a experiência daquele aluno.

Para Gama (2002, p. 4): “Ela afirma que pode ser mais recompensador para o professor se ele construir com o seu aluno um campo de relações onde ambos lutem por insight pessoal. Assim sendo, o professor deixa de ser o detentor do conhecimento, para agir como orientador do processo.” O autor faz essa reflexão, a partir do trabalho de Viola Spolin e vem de encontro a fala da Ana, pois o aluno só consegue criar, quando se estabelece essa relação.

Ana destaca que busca o espaço de sala como um espaço tão espetacular quanto o espaço da cena. E para isso, muitas vezes, participa do momento da criação dos alunos. E auxilia na criação, para fazer a cena dar certo. Então, vai dando dicas e conversando com os estudantes e as estudantes. Ao mesmo tempo em que é necessário estar aberta ao dar certo dos alunos, que muitas vezes é diferente do professor, as vezes a cena funciona na dinâmica do grupo, como experiência, mesmo que em termos teatrais, poderia ter sido diferente.

7 Entrevista com Henrique Saidel¹⁷

Ser professor não é só dar aula, como se dar aula fosse só, assim como ser presidente não é só mandar no país, assim como ser qualquer coisa não é só aquilo que a gente imagina, tem todo um contexto, uma estrutura, pessoas envolvidas ali.

Henrique Saidel

¹⁷ O Termo de Liberação de Imagem de Henrique Saidel se encontra no Anexo 4.

O Henrique não estava em minha lista inicial de entrevistados, mas em uma conversa com minha orientadora Adriana Jorge, ela sugeriu que eu bagunçasse um pouco esses requisitos (ser formado pela UFRGS e dar aula de teatro em escolas de Ensino Fundamental e Médio) e me perguntou se tinha algum professor do departamento que eu gostasse. Pensei no Henrique, pois sempre senti uma abertura para o diálogo nas aulas dele. Com isso, Adriana sugeriu que eu chamasse ele para conversar.

Fui aluna de uma das primeiras turmas do Henrique, na UFRGS, na disciplina de “Fundamentos da dramaturgia do encenador”. Lembro com carinho das aulas e do trabalho que criei junto com outras três colegas (Letícia, Gabriela e Ligia). Foi o primeiro trabalho que criei, dentro do Departamento, que fez sentido para mim, enquanto processo criativo. Experimentei na prática o que tinha lido nos livros. Li que, as vezes, o processo de criar é mais importante que o “produto” criado.

Henrique é formado em Bacharelado em Teatro, teve experiências ministrando oficinas teatrais e depois lecionou em uma universidade em Curitiba e na UFRGS, onde leciona atualmente. Então, a universidade, de acordo com as palavras dele, é o local em que começa a se ver, como professor. Isso fez com que as experiências dele, como professor, fossem com alunos que querem estar na aula de teatro. O que é uma experiência diferente do ambiente da escola regular, mas ainda assim um ambiente que, muitas vezes, pode não ser muito acolhedor.

Uma das coisas mencionadas por ele foi a constante pesquisa sobre metodologias de ensino de teatro e formas de dar aula, pois dessa forma ele sentia que tinha subsídios para dar a melhor aula possível. Fico pensando se essa não é umas das características mais importantes do professor: se manter em constante aprendizado. Pois até mesmo professores formados em licenciatura precisam se atualizar, para continuar acompanhando as evoluções dos conteúdos e noções relativas a sua área, mas também, no que diz respeito a sociedade como um todo.

Começamos nossa conversa pela experiência escolar dele, quando ainda era criança. Questiono sobre professores que tenham marcado sua vida

estudantil e ele traz algumas experiências. Uma das mais marcantes como sendo no 1º ano, em que a professora que alfabetizara sua turma criou, junto com eles, um livro com uma história e um desenho de cada aluno.

Ele buscou e me mostrou o livro, grampeado pela professora, com as redações e ilustrações de todos os alunos, com o título de “Histórias Fantásticas da 114.” Lembra com carinho do processo de escolha da ilustração da capa e de como cada aluno ganhou o seu ou mais de um, já não recordava ao certo.

Muito vem se falando sobre educação e sobre as condutas do professor em sala de aula. Estamos vendo essas e outras discussões serem cada vez mais levantadas, como as questões étnico raciais, LGBTQ, entre outras. O que reforça a ideia já levantada aqui, de que o professor é um profissional que deve se atualizar constantemente, não só sobre metodologias e noções de sua área, como outras questões que atingem a sociedade. Quanto a isso Henrique comenta:

A gente está lidando com pessoas, a gente não está lidando com conteúdos, simplesmente com transmissão de conhecimento, óbvio que isso tem (...) mas é mais do que isso. Se não há uma relação de pessoas, fica meio estranho, se você não tem muito bem dimensionado de que são pessoas ali, se relacionando. (SAIDEL *apud* SOUZA, 2021e)

Para refletir sobre essa fala do Henrique, trago um pensamento de Paulo Freire: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (FREIRE 2018). Essa fala do Henrique, junto a citação feita neste parágrafo, trazem a luz essa dimensão do aluno como um ser que tem saberes próprios e que precisa ter sua individualidade respeitada. Coloca, também, a sala de aula como um espaço onde se estabelecem ou pelo menos deveria ser estabelecido, relações de diálogo e respeito, entre estudantes e professores.

Henrique ressaltou em nossa conversa, o aspecto burocrático de ser professor, no caso do Henrique professor nos cursos de Graduação e Licenciatura em Teatro na UFRGS. Destaca que é importante aprender a lidar com isso, mas ao mesmo tempo não deixar que a burocracia do dia a dia faça

com que o foco principal, ministrar aula, realizar pesquisa, seja desviado, para que o prazer de ser professor não se perca, em meio as outras funções. Trago aqui o último conselho deste trabalho:

Ser professor não é só dar aula, como se dar aula fosse só, assim como ser presidente não é só mandar no país, assim como ser qualquer coisa não é só aquilo que a gente imagina, tem todo um contexto, uma estrutura, pessoas envolvidas ali. Fazer teatro não é só atuar, não é estar só no palco, tem muitas coisas. É um pouco assustador mas ao mesmo tempo é muito prazeroso, e quando eu falo de prazer é no sentido de, tem vários sentidos: satisfação criativa, de satisfação política, enfim tem várias coisas muito legais de ser professor. (SAIDEL *apud* SOUZA, 2021e)

Essa se mostrou uma preocupação em sua fala e um desejo de que, no futuro, “leve menos sustos” no que diz respeito as funções burocráticas da universidade, visto que, o período de estágio probatório já passou e sua presença na universidade, como professor, é agora permanente. O que lhe trouxe alguma reflexão sobre esse cargo de funcionário público, ainda no momento que passara no concurso.

Mas avalia que a docência é algo que lhe motiva e, além do aspecto econômico, pois relata que não podemos romantizar o professor, que precisa ser valorizado em sua profissão. Como vivemos em uma sociedade capitalista, o salário é um desses meios de valorização, obviamente não o único. Por esses e outros motivos, escolheu assumir o cargo.

Henrique diz durante a entrevista que o professor precisa lidar com a frustração, também, e que são várias as frustrações. A frustração de não conseguir dar uma boa aula e de achar que não preparou direito aquela aula, por exemplo. Ele comenta, ainda, sobre a frustração de querer dar aula, mas ter que ficar preenchendo formulário e de existirem várias frustrações que o professor tem de lidar, ao longo do dia. Pensa que o professor não deve se apegar a elas, elas vem, elas existem, mas também, de que é nosso papel não deixar que elas fiquem (SAIDEL *apud* SOUZA, 2021e).

Outro aspecto que se relaciona com a burocracia trazida nos parágrafos acima.

Sobre seu processo de planejar as aulas, Henrique diz que: “Frequentemente eu me baseio nisso” (professores que teve), para pensar. Quando vou ser professor me faço sempre essa pergunta: que tipo de aula eu gostaria de ter?” (SAIDEL *apud* SOUZA, 2021e), além de refletir sobre aulas que teve e aulas que gostaria de ter, se fosse aluno. Nem sempre a aula sai como planejado, mas é uma das formas que utiliza para pensar e organizar sua prática.

Quando perguntei porque ainda é professor, ele manifestou uma curiosidade sobre o tipo de professor que está se tornando. Ele disse em seu depoimento: “Fechei 6 anos como professor, entre a UFRGS e Curitiba, é um tempo relativamente curto. Ainda estou nesse processo de me entender como professor” (*Ibidem*). Ao finalizar essa última entrevista percebo como os professores, com quem conversei, estão abertos a pensar e repensar a sua prática constantemente.

8 Conclusão

Após realizar as entrevistas, percebo que, a partir dos relatos dos entrevistados, a escolha de fazer teatro e ser professor não vieram juntas.

Excetuando um dos casos, o fazer teatral chega primeiro na vida dos entrevistados e depois, durante a faculdade, no caso dos licenciados pela UFRGS. Isso parece ser devido a influência da professora Vera Bertoni, do Sergio Lulking e do Gilberto Icle, que fazem esse casamento entre educação e ensino de teatro.

Em um determinado momento da escrita deste trabalho, já muito cansada, depois de ter escrito o dia todo, resolvi parar para descansar e retomar depois, apaguei as luzes e deitei na cama. Era noite, olhei para o teto da minha casa e vi as luzes da rua entrando pelas duas janelas da peça da minha casa que é meu quarto e local de trabalho e escrita.

Mesmo tendo decidido descansar, comecei a pensar no trabalho e, como durante o percurso das entrevistas, fui deixando de lado as noções teatrais propriamente ditas, levando o foco para a formação. Isso não só no sentido acadêmico, mas também como se constitui o professor.

E vendo as muitas direções que as luzes tinham ao entrarem em minha casa, pensei que, talvez, as trajetórias dos professores, nesse caso professores de teatro, também são um pouco assim. Cada professor segue um caminho, alguns trabalham com séries iniciais, outros séries finais, ensino médio, EJA, graduação ou escolas que oferecem cursos livres ou, ainda, outras formas de ensino de teatro que não estão aqui mencionadas. Mas, em todas essas formas, são todos professores de teatro, assim como as luzes, que vão para várias direções, ainda são luzes. A beleza disso é ver o todo formado. Assim, uma mistura de cores e formatos diferentes que vão se alterando de acordo com o que passam.

Tentei fotografar, mas assim como na vida, não consegui registrar todas ao mesmo tempo. Apenas fiz um recorte e, assim, é este trabalho. Apenas fiz um recorte com algumas experiências de professores de teatro, que podem servir de auxílio, ou não, para os futuros professores de teatro, que vão se

formar no curso de licenciatura em teatro e não sabem muito bem o que vão encontrar.

Compreendi durante a escrita deste trabalho, que a docência exige coragem, comprometimento, escuta, afeto, pesquisa, troca, dedicação, e muitas outras coisas que irei descobrindo pelo caminho, e que serão únicas no meu processo.

Refletindo agora, percebo que as entrevistas se relacionaram mais a formação do professor, não apenas no sentido de formação acadêmica, mas também da motivação. Por que escolhemos ser professores? E por que somos professores de teatro? Me incluo nessas perguntas, pois apesar de estar no fim da formação e não dar aula em escola, já tive algumas experiências como professora de teatro em outros locais que não na escola regular, como relatado na introdução.

A docência e o espaço da sala de aula se parecem muito, em certo sentido, com o espaço do palco, de que sinto tanta falta nesse momento que prefiro nem dizer. Mas a sala de aula, seja ela ao vivo ou virtual, requer jogo, entrega e atenção. E mesmo planejando, precisamos estar atentos ao percurso, pois imprevistos acontecem a todo momento. Mas, de certa forma, os imprevistos e como lidamos com eles constituem quem somos como atores e como professores.

Referências Bibliográficas

CORREA, P. S. **Experiências de formação docente junto ao subprojeto Teatro-PIBID da UFRGS**. 2011. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Teatro - Licenciatura, Departamento de Arte Dramática, Ufrgs, Porto Alegre, 2011. Cap. 2. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/55333>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2018.

GAMA, J. Produto ou processo em qual deles estará a primazia. **Sala Preta**, [S. l.], v. 2, p. 264-269, 2002. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v2i0p264-269. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57102>. Acesso em: 26 abr. 2021.

ICLE, G. Problemas teatrais na educação escolarizada: existem conteúdos em teatro?. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, [S. l.], v. 2, n. 17, p. 070-077, 2018. DOI: 10.5965/1414573102172011070. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011070>. Último acesso em: 20 abr. 2021.

PESSOA, D. **Éticas no Teatro II: o corpo aberto às éticas experimentais**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

SOUZA, L. M. P. **Entrevista Priscila Correa**. Youtube. 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JpYxiu8T5xU>. Último acesso em 13 de maio, 2021. 1:16:57.

SOUZA, L. M. P. **Entrevista Mônica Bonatto**. Youtube. 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nehBzqzjIoc>. Último acesso em 13 de maio, 2021. 1:26:22.

SOUZA, L. M. P. **Entrevista William Molina**. Youtube. 2021c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zhhNYqOqqLw>. Último acesso em 13 de maio, 2021. 1:09:26.

SOUZA, L. M. P. **Entrevista Ana Fuchs**. Youtube. 2021d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-aovJ2YIh7M>. Último acesso em 13 de maio, 2021. 1:01:11.

SOUZA, L. M. P. **Entrevista Henrique Saidel**. Youtube. 2021e. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2CFWR4XmDbM>. Último acesso em 13 de maio, 2021. 1:18:55.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

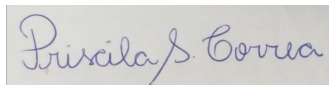
ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de Liberação de Imagem – Entrevista Priscila Correa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, eu, Priscila da Silva Correa,
RG nº 2086933013 autorizo expressamente a utilização da minha imagem
e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, escritos e filmagens para fins de
conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro da pesquisadora Lara Mohana
Pinheiro de Souza. Podendo o material ser exibido para fins acadêmicos e mantido no
banco de dados da UFRGS.



Assinatura do participante

ANEXO 2 – Termo de Liberação de Imagem – Entrevista Mônica Bonatto

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, eu, MÔNICA TORRES BONATTO
RG nº 3066791132 autorizo expressamente a utilização da minha imagem
e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, escritos e filmagens para fins de
conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro da pesquisadora Lara Mohana
Pinheiro de Souza para o trabalho, com título provisório, “Quatro conselhos para minha vida
como professora de teatro” com orientação de Adriana Jorgge. Podendo o material ser
exibido para fins acadêmicos e mantido no banco de dados da UFRGS.

Mônica Bonatto
Assinatura do participante

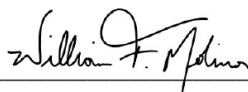
01/04/2021

ANEXO 3 – Termo de Liberação de Imagem – Entrevista William Molina

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, eu, William Fernandes Molina,
RG nº 3079725846 autorizo expressamente a utilização da minha imagem
e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, escritos e filmagens para fins de
conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro da pesquisadora Lara Mohana
Pinheiro de Souza para o trabalho, com título provisório, “Quatro conselhos para minha vida
como professora de teatro” com orientação de Adriana Jorgge. Podendo o material ser
exibido para fins acadêmicos e mantido no banco de dados da UFRGS.



Assinatura do participante

Porto Alegre, 05 de abril de 2021.

ANEXO 4 – Termo de Liberação de Imagem – Entrevista Henrique Saidel

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, eu, HENRIQUE SAIDEL,
RG nº 7.236.660-3 autorizo expressamente a utilização da minha imagem
e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, escritos e filmagens para fins de
conclusão de curso de Graduação – Licenciatura em Teatro da pesquisadora Lara Mohana
Pinheiro de Souza para o trabalho, com título provisório, “Quatro conselhos para minha vida
como professora de teatro” com orientação de Adriana Jorgge. Podendo o material ser
exibido para fins acadêmicos e mantido no banco de dados da UFRGS.



Assinatura do participante